

Existencialismo Metafísico

4 – A Ordem Religiosa

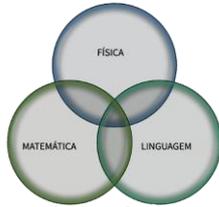
As religiões são frequentemente classificadas em três categorias, de acordo com o número de divindades: monoteístas, dualistas e politeístas. As religiões politeístas, caracterizadas pela crença em diversos deuses, têm origem no animismo. Os primeiros seres humanos acreditavam em múltiplas entidades metafísicas, incluindo espíritos ancestrais e forças naturais personificadas. Para eles, montanhas, rios, árvores e até fenômenos como o trovão eram manifestações divinas. Um exemplo é Thor, o deus do trovão da mitologia nórdica, que ganhou notoriedade moderna por meio dos quadrinhos e do cinema.

Ainda hoje, observa-se a associação entre divindades e elementos naturais. Nas religiões afro-brasileiras, por exemplo, Iemanjá é considerada a rainha do mar e frequentemente representada na arte afrodescendente. O sincretismo religioso é um fenômeno comum, misturando doutrinas e divindades de diferentes tradições. No sincretismo afro-cristão, Iemanjá é associada a Nossa Senhora da Conceição, enquanto os orixás africanos correspondem a santos católicos. Assim, mesmo em uma religião monoteísta como o cristianismo, traços do politeísmo ainda podem ser observados.

No passado, o animismo predominava como sistema de crença, transmitido por tradição oral. Cada tribo ou clã de caçadores-coletores possuía suas próprias narrativas mitológicas, que regulavam o comportamento social. Algumas leis eram sobre-humanas, enquanto outras garantiam a convivência pacífica, como a proibição de matar e roubar dentro da comunidade. Essas normas eram essenciais para a sobrevivência e não precisavam ser formalizadas em tábuas sagradas. Contudo, essas regras não se aplicavam a grupos externos, com os quais o conflito era frequente. As crenças e leis eram essencialmente locais, sem a necessidade de conversão de outros povos.

Com a revolução agrícola, surgiram novas divindades, como o deus da chuva e a deusa da fertilidade. O avanço do comércio, dos reinos e impérios trouxe consigo uma maior complexidade metafísica. Reis passaram a ser considerados divinos, pois era necessário um poder transcendente para governar grandes populações. Assim, a religião reforçava a autoridade política, consolidando a ideia de uma interação contínua entre o mundo físico e o espiritual.

Mesmo no politeísmo, muitas mitologias reconhecem uma entidade suprema. No panteão grego, Moros, o deus do destino, governava tanto deuses quanto mortais, incluindo Zeus e Apolo. No contexto afro-religioso, Olodumaré é um deus supremo, distante e imparcial, não necessitando de templos ou adoração. Em contraste, o monoteísmo enfatiza um deus pessoal, que atende às preces dos fiéis e interfere no curso dos acontecimentos. O primeiro registro histórico de uma religião monoteísta remonta ao faraó Akenatón, que impôs o culto exclusivo a Aton, o deus solar. No entanto, após sua morte, o politeísmo retornou. O monoteísmo se



Existencialismo Metafísico

consolidou posteriormente com o judaísmo, que retirou o deus Javé do panteão cananeu e o transformou na única divindade. O cristianismo, por sua vez, difundiu esse conceito a outros povos.

Originalmente, as religiões eram locais, com leis e deuses exclusivos para cada comunidade. O judaísmo preservou esse caráter, considerando seu Deus como pertencente unicamente ao povo judeu. Paulo de Tarso, no entanto, universalizou a crença cristã, pregando que Deus era acessível a todos. Sua doutrina enfatizava a igualdade entre os homens: “Já não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher, pois todos são um em Cristo Jesus” (Gálatas 3:28). Essa ideia reforçou princípios como igualdade e liberdade, amplamente abordados na Bíblia. No entanto, a liberdade, no contexto cristão, era muitas vezes interpretada como a libertação do pecado.

As igrejas, em vez de fundamentarem-se na razão, operam sobre as emoções humanas, explorando o medo, a culpa e a ganância. O medo do inferno e a ideia do pecado original impõem uma dependência psicológica nos fiéis. Muitos contribuem financeiramente para as igrejas na esperança de bênçãos divinas, enriquecendo líderes religiosos que se tornam figuras de poder e fama. Além disso, a intolerância religiosa é um problema recorrente. Cada sistema teológico se considera detentor da verdade absoluta, o que leva ao exclusivismo e, em alguns casos, ao uso da força para conversão.

Diante dessas contradições, diversos estudiosos rejeitam a religião e o mundo metafísico. A biologia, por exemplo, sustenta a evolução como um processo dinâmico, contrariando o criacionismo. Freud interpretou a religião como uma neurose coletiva criada para lidar com o mal, enquanto abordagens político-sociais a veem como um mecanismo de alienação. Alguns biólogos evolucionistas sugerem que a espiritualidade pode estar relacionada a um gene específico, embora ainda não haja consenso.

Mesmo negando a metafísica, alguns pensadores reconhecem o papel psicológico das crenças religiosas na redução do medo e da dor. A religião pode funcionar como um placebo, gerando conforto para seus adeptos. No entanto, com o avanço da ciência, as religiões perderam influência. Jean-François Lyotard, em “A Condição Pós-Moderna”, argumenta que vivemos em um período de descrença nas grandes narrativas, incluindo as religiosas e filosóficas, como o iluminismo e o marxismo.

Apesar de suas virtudes e limitações, as religiões sempre pregaram a coexistência entre o mundo físico e o metafísico. Contudo, seus dogmas rígidos impedem a evolução do pensamento, e seu espaço vem sendo ocupado pelas ciências, que oferecem explicações mais adaptáveis e fundamentadas para a existência e o universo.